

RESENHA

CONTE, Daniel. *O mínimo tu em mim*. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2017.

Ernani Mügge**
Juracy Assmann Saraiva***

DANIEL CONTE ASSINA SEU LIVRO INAUGURAL DE POEMAS com jeito de quem entende do ofício poético. Da vida, faz sua matéria e, da palavra, o instrumento para expressá-la. Seu processo de manifestação, porém, tem relação com a capacidade de espantar-se, atitude que, segundo Ferreira Gullar (2012), gera o efeito estético. Revelando sentidos ocultos no espaço, nos objetos e nas ações cotidianas, por meio de arranjos inusitados da linguagem, Conte impõe ao leitor o estranhamento, a inquietação e a necessidade de encontrar respostas para analogias pouco convencionais que conjugam percepções do real e sensações humanas.

O primeiro espanto do leitor é provocado pela capa do livro, em cor preta, que expõe um parêntese em branco. O destaque dado ao sinal ortográfico por meio do recurso da cor chama a atenção, colocando em segundo plano o título da obra, *o mínimo tu em mim*, que se torna visível somente pelo verniz, utilizado estrategicamente para marcar as letras. Para o leitor fica a pergunta: o título iconizado, isto é, minimizado na capa por meio de seu apagamento, é o que importa, ou importa a significação que ele oculta?

A leitura dos poemas elucidada, de certa forma, as artimanhas utilizadas na feitura da capa e ajuda a deslindar a significação do título que estende “o mínimo tu em mim” a “ou no silêncio das coisas”. Colocada em suspenso, a voz poética articula-se em torno de uma palavra que se reveste de importância capital: “silêncio”. É o silêncio que se instala

** Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor e pesquisador na Universidade Feevale (RS), atuando no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras.

*** Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou Pós-Doutorado em Teoria Literária, na Universidade Estadual de Campinas. É professora e pesquisadora na Universidade Feevale (RS) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais. Bolsista de Produtividade do CNPq,

sorrateiro, inapelável, nos meandros da composição, propondo, ao leitor, a suspensão, por mais breve que seja, do barulho dos ponteiros do relógio, tal como certamente o fizera para o artífice da palavra.

O silêncio é o vazio, como sugere a contracapa, em que aparecem somente o parêntese, sem o título, contrariando a regra que prevê a utilização do sinal ortográfico para a intercalação de uma informação acessória. Entretanto, contraditoriamente, o título impõe, no apagamento, sua relevância “ou o silêncio das coisas”, indicando que aí provavelmente esteja o essencial – o mínimo que sensibilizou o poeta e que, provavelmente, encontrará lugar no receptor: o silêncio.

O jogo lúdico que o autor realiza com o título indica, de antemão, que o leitor está diante de uma obra elaborada com esmero, com refinamento, em que a leitura dos poemas exige a participação do leitor. Assim, perguntas sobrepõem-se a perguntas, obrigando o receptor a integrar-se ao texto. Quem é, afinal, o “tu” aludido pelo título? Que silêncio é esse que se projeta sorrateiro na sequência do título? E as coisas, a quê ou a quem remetem? São perguntas que instigam a leitura e que talvez só possam ser respondidas quando, finalmente, o silêncio – mais uma vez ele – instale-se, permitindo que o sussurro das palavras, aninhadas nas folhas de papel, seja audível, e as imagens, desdobradas em um movimento contínuo.

Esse processo é perceptível no poema “Volatilidade”, em que o leitor se defronta com o descompasso entre a rigidez do corpo e das coisas e a fluidez do silêncio, que escorre no rio do tempo:

ao estacionares teu corpo no banco da praça,
te inseres no silêncio
[das folhas.
[do tronco.
[dos jornais falecidos nas lixeiras.
[do rio que jorra embaixo dele.
tu te pensas único e sólido, mas há um rio que corre
[embaixo de ti. (p. 43)

Na transcrição do poema, foram eliminados os versos repetidos, com o intuito de evidenciar a relação entre a aparente concretude do ser e das coisas que, todavia, é corroída pela passagem, pela mudança. Confrontado com o último verso, o leitor espanta-se diante da efemeridade do poeta, das coisas ou dele próprio.

Em outro poema, o leitor ouve os sussurros que provêm de um passado remoto, cerzido de perdas, que se descortinam em “pedaços revelados”, fragmentos que se foram, mas voltam e vivem:

há um silêncio
em cada dia furtado da tua infância,
levando a reboque
promessas e milagres;

tua unha arrancada, chute mal calculado no relevo da rua,
provou-te a perpetuação do teu corpo
e o refazimento da tua matéria;

teu dente subtraído deflagrou a janela da tua alma; sabes bem
que
o joelho raspado na pedra quente revelou
tuas lágrimas em estado bruto. e tu levas adiante o
intento de mostrar-te finito [...] (p. 31)

Em “peixinhos”, o *eu lírico* revela as memórias do outro, do tu. Inscrito na invocação do poema, o leitor nele encontra rastros deixados na sua própria memória, os quais traduzem a essencialidade do mínimo, que emerge de situações e de coisas aparentemente banais:

do que tu mais te lembras da infância
são das balinhas em formato de peixe servidas pela
tia lia depois do almoço.
e dos chinelos colocados alinhadamente no canto da porta –
ponte entre o ruído da rua e as confissões do lar.
enormes os peixes e os chinelos
e te alimentam, ainda, os três. (p.77)

No poema, os peixes e os chinelos são coisas que, advindas de lembranças, moram em cada leitor sensível à palavra poética, comprovando que em *O mínimo tu em mim*, Daniel Conte oferece uma poesia singular, em que o eu e o tu, o silêncio e a voz, a palavra e o sentido são dimensões que atropelam seus limites e se confundem, sintetizando a vida, que é una, e em que objetos, tempo e espaço se esbarram, pronunciam-se, rompendo os silêncios. Na pretensão de flertar com a imaginação do receptor e de desafiar os limites de suas convicções, as imagens construídas – entre parênteses – sublinham o fazer poético. Despretensiosamente (ou nem tanto), a poesia de Conte projeta o leitor na vastidão dos fragmentos, do real e da linguagem, carregados de significação. Quando o leitor se dá conta, eles fazem parte da primeira pessoa, e o eu, finalmente, já não está mais entre aspas. Ou seriam parênteses?